



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17043 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 13 - Educação Fundamental

CONVERSAR, NARRAR E PESQUISAR: APRENDIZAGENS E INQUIETAÇÕES NOS ENCONTROS COM NEGROS SURDOS

Sheila Martins dos Santos - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UERJ
Tiago Ribeiro da Silva - INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

**CONVERSAR, NARRAR E PESQUISAR: APRENDIZAGENS E INQUIETAÇÕES
NOS ENCONTROS COM NEGROS SURDOS**

Resumo:

O presente texto tem, como objetivo, compartilhar sentidos, ressonâncias e ideias tecidas na proposição de uma dissertação tecida por meio de escrituras (Evaristo, 2008) no cotidiano de uma escola pública especializada na educação de surdos, na cidade do Rio de Janeiro. A referida ação tem como nutriente acontecimentos e experiências singulares vividas entre estudantes negras-surdas jovens e adultas no contexto da educação bilíngue. Experiências estas que forçam e convidam a pensar sobre o ser e estar sendo sujeito surdo em um mundo marcado e estruturado pelo ouvintismo, isto é, pela im-posição da matriz ouvinte como modelo de normalidade a ser difundido e seguido, além de tantos outros preconceitos a que as pessoas surdas estão submetidas.

O trabalho parte do reconhecimento de que o ouvintismo, tanto quanto o racismo, é estrutural em nossa sociedade e precisa ser combatido cotidianamente, nas relações minúsculas e nas ações propostas. Compreendo que o corpo surdo enfrenta diferentes regimes anormalizadores, que se materializam através de distintas formas de violência: ouvintismo, racismo, preconceito de classe, machismo etc. Diante dessa forma de atuação, emerge historicamente uma crença-discurso clínico-patológico de ver-narrar as pessoas surdas, focando exclusivamente na surdez como deficiência, como uma incapacidade de ouvir, marcados pela falta, como se precisasse ser corrigido algo (Corcini, 2007, p. 54) para se aproximar do modelo ouvinte. Corpos que impõem a suposta “normalidade” de poucos como

norma e a pretendida “anormalidade” de muitos como problema (Ribeiro; Skliar, 2020). E vale lembrar que essa anormalização, a imposição da compreensão da deficiência como marca de desigualdade e inferioridade reverbera até os dias atuais, por se tratar de prática que foi institucionalizada. Assumindo o cotidiano como *espaçotempo* que nos ensina a enxergar para além do óbvio, com Simas e Rufino (2018), compreendemos o fazer investigativo como a aventura de pesquisar: “Como buscar praticar os rodopios e cruzos no sentido de objetivar uma transformação radical que perpassasse necessariamente pelo encantamento dos saberes?” (p. 36).

Encantar os saberes tem a ver com aguçar a atenção, abrir os sentidos, pluralizar as miradas para dismantelar a pesquisa e a produção do conhecimento como práticas anormalizadoras. Buscamos criar brechas, produzir práticas políticas-poéticas outras, afirmativas da vida, das diferenças, das marcas singulares de existência. Como olhar o corpo do outro dito deficiente não a partir de um laudo? Não como um desvio do dito normal, do exótico? Um corpo fora dos padrões normativos: é esse o corpo que nos interessa, o corpo real, o corpo que nos desafia e ensina nos/dos/com os cotidianos escolares. Por isso, não queremos focar na falta... Mas olhar o que este corpo produz. Um corpo visceral, inquieto, singular, múltiplo em suas complexidades.

Nesse sentido, falamos de uma pesquisa encarnada, visceral, pesquisa-vida (Godoy-Lenz; Ramallo; Ribeiro, 2022) pautada na conversa, no encontro, na troca, no acompanhar e prestar atenção aos cotidianos e as experiências vividas. E por que conversar entre essas vozes e experiências? Porque, para abordar e/ou combater o racismo, o ouvintismo, o machismo, o capacitismo e outras formas de violência que se fazem presentes nas escolas e vidas de seus praticantes, precisamos compreender como eles vivenciam e dão sentido a essas experiências (Larrosa, 2020).

Por isso, assumimos o gesto do conversar (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018) como possibilidade metodológica que envolve cartografar e encruzilhar, uma possibilidade de investigar(me) narrativamente entre essas estudantes. Pesquisar como criar cenários epistêmicos e cognitivos outros, promover fissuras nessas políticas de apagamento, de exclusão, de aniquilamento dos saberes produzidos nas brechas. Partilhamos cenas dos cotidianos, conversas tecidas, narrativas de estudantes surdos que nos provocam, desinquietam, convidam a pensar. No encontro. No entre. Narrar nossos passos como são dados, experimentados, com suas dores e delícias... Múltiplas. Histórias singulares. Cada pessoa é um mundo, tendo o processo de narrar como produção de vida e tessitura de memória. “Somos quem narra, somos autoras e autoridade da nossa própria realidade”, como a intelectual, artista e militante Grada Kilomba (2019) nos admoesta.

Todo este processo formativo deu-se pela tentativa de tecer junto ao Coletivo Alteridade e Diferença na Educação e ao Grupo ArteGestoAção uma colcha-encruzilhada forjada pelo movimento de dar a ver as seguintes questões, contornos da pesquisa: Como seria esse nosso encontro com as literaturas negras? O que poderíamos aprender juntas nessas

conversas com as autoras negras? Como seria nos vermos nas narrativas negras surdas? Neste contexto, percebo-nos diante do ato de tecer uma cartografia (escrevívda e encruzilhada) a partir das conversas e dos agenciamentos com saberes produzidos nas giras, nos pagodes, nos terreiros, nas escolas e nas ruas, considerando, talvez, que esse modo de fazer pesquisa possa suportar o encontro para produzir pensamentos e outros saberes singulares e múltiplos, inventando novas possibilidades de vida, de (re)existir no presente, cotidianamente. Daí o convite que faço ensurdecer(se) e denegrir(se) (Ribeiro; Janoário, 2019), nesse movimento de sentir-viver nossas escrevências inscritas em nossos corpos como vida, no mergulho nos cotidianos, com todos os sentidos (Alves, 2008)! Esse modo outro de fazer uma pesquisa-vida, com os cotidianos, é um movimento de aquilombar-se juntas no tecer fio-a-fio, essa pesquisa mata adentro, criando rasuras a partir da experiência de liberdade com arte, com poesia, com afeto e afetações. Sobretudo, como modo de afirmar uma luta antirracista e antiouvintista, tencionar questões raciais e o campo da educação com pessoas surdas, produzir responsabilidade de narrar histórias singulares fazendo ligas com a arte e com os saberes afro-diaspóricos provocando inquietações, experimentando uma escrita acadêmica outra, sendo movimentadas por gestos de denegrir e ensurdecer juntas. Investigar como possibilidade de afirmar uma luta antirracista, tencionar questões raciais e o campo da educação com surdas e produzir responsabilidade de narrar histórias singulares.

Palavras-chaves: Surdez. Narrativas. Negritude. Educação de Surdos.

Referências Bibliográficas

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas:** sobre redes de saberes. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

CORCINI, Maura. Surdez & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

EVARISTO, Conceição. Escrevências da afro-brasilidade: história e memória. Releitura, Belo Horizonte, n. 23, 2008.

GODOY-LENZ, R.; RAMALLO, F; RIBEIRO, T. (2022). **Investigaciones-vidas:** conversar, escuchar y constelar en educación. La Serena: Editora da Universidade de La Serena.

KILOMBA, G. **Memórias de Plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RIBEIRO, T., & SKLIAR, C. . (2020). Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. **Série-Estudos** - Periódico Do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da UCDB. <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v0i0.1484>

RIBEIRO, T.; SOUZA, R. de; SAMPAIO, C. S. **Conversa como metodologia de pesquisa:** por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **A ciência encantada das macumbas.** Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

